

SERVIR A TODOS



Queridos irmãos e irmãs,

Pouco antes da solenidade do Natal, em 23 de dezembro, ocorrerá exatamente o 900º aniversário da aprovação da *Carta Caritatis*. Durante este ano nós meditamos muito e estudamos este documento antigo que é realmente o ato de nascimento de nossa Ordem. Com estupor, e um pouco de contrição, percebemos o quanto isto é necessário para a consciência e para a vitalidade da nossa identidade, do nosso carisma cisterciense enxertado no carisma fundamental de São Bento.

Agora não queremos perder esse despertar da consciência; desejamos aprofundá-lo e mantê-lo, também em vista do próximo Capítulo Geral. Não devemos recolocar no arquivo a *Carta Caritatis*, talvez até 2119, quando se celebrará o seu milênio... Não serviria para nada celebrar e estudar, organizar simpósios se depois não se vive, se os impulsos que o Espírito Santo coloca nos textos fundadores não nos estimulam a viver mais intensamente nossa vocação hoje, na situação atual da Ordem, da Igreja e do mundo.

Desejar o bem de todos

Por esse motivo, ao nos aproximarmos da data exata do 900º aniversário da aprovação papal da *Carta Caritatis*, data que quase coincide com a celebração da Natividade do Senhor, pergunto-me sobre qual ponto podemos parar para retomar já agora o caminho pessoal e comunitário à luz do mistério da encarnação do Filho de Deus, nosso "único verdadeiro Rei, Senhor e Mestre" (CC, capítulo 1). O que hoje nos deve incentivar mais na *Carta Caritatis*, de modo a senti-la sempre urgente e útil para nós e para todos? Que aspecto da *Carta Caritatis* responde de maneira mais atual às expectativas e necessidades da Igreja e do mundo contemporâneo?

Talvez devamos concentrar nossa atenção precisamente na dimensão católica, no sentido literal de "universal", com o qual nossos primeiros pais conceberam a fidelidade à sua vocação monástica. Tudo me parece estar resumido em uma frase do primeiro capítulo: "*Prodesse enim illis omnibusque sanctae Ecclesiae filii cupientes –*

Desejando ser-lhes úteis [isto é, aos abades e monges] e a todos os filhos da Santa Igreja".

A carta continua explicando as áreas e a maneira com a qual se quer tornar explícito e eficaz esse desejo de fazer o bem para a Ordem e toda a Igreja, mas penso que devemos primeiro fazer nosso este desejo de fazer o bem e o seu significado universal, porque é como se fosse a respiração que pode dar e devolver sentido e vitalidade a tudo o que a nossa vocação nos dá e nos pede para viver.

Um desejo apaixonado

Para expressar esse desejo, a *Carta Caritatis* não hesita em usar uma palavra latina bastante forte: *cupientes*. Poderia ser traduzida como "gananciosos". A ideia é a de um desejo ardente, de uma verdadeira paixão, tão forte quanto a paixão do amor. Um termo tão intenso normalmente não é usado em textos legislativos, mas nos escritos apaixonados dos amantes.

Esta palavra nos lembra acima de tudo que toda vocação na Igreja nunca é apenas um trabalho, uma profissão, ou mesmo um ministério, um serviço, mas é um desejo amoroso despertado pelo encontro com Cristo. Tudo começa e sempre deve recomeçar a partir desse fogo que o olhar e o chamado de Jesus acendem em nosso coração, levando-nos a segui-lo. Os primeiros discípulos que seguiram Jesus, André e João o fizeram sentindo em seus corações um desejo irresistível de estar com ele: "Mestre, onde moras?" (Jo 1,38). Eles foram atraídos por sua pessoa; e depois do encontro, a única coisa que eles enfatizam não é tanto o que Jesus lhes disse, ou o que fizeram com ele, mas simplesmente que estavam com ele: "e naquele dia ficaram com ele" (Jo 1,39).

Quem se sente emocionalmente atraído por outro, quem se apaixona, quer essencialmente a presença do ente querido e do seu amor. Quem se apaixona, deseja o amor da pessoa amada, deseja entrar na esfera do seu amor. Mas qual é a esfera do amor de Cristo?

Amar a Igreja na paixão de Cristo

São Paulo usa o simbolismo nupcial para revelar como Jesus ama a Igreja. Ele a ama como Sua esposa; Ele a ama até à morte na cruz, até o dom total de Sua vida: "Vós, maridos, amai vossas esposas, como também Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela, para torna-la santa, purificando-a com a água do batismo com a palavra, e apresentá-la a si mesmo toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito seme-lhante, mas santa e irrepreensível." (Ef 5,25-27)

Jesus chama cada um de nós a entrar em sua paixão amorosa pela Igreja, sua esposa. Para todos os batizados, o amor à Igreja não pode depender do seu estado, da coerência de seus membros, isto é, do nosso estado e da nossa coerência, mas unicamente do coração do Salvador. Quem não ama a Igreja não ama a Cristo. Qual esposo aceitaria ter amigos que desprezam sua esposa?

Mas não devemos esquecer que Cristo ama a Igreja pelo amor da salvação do mundo. Cristo ama sua esposa para que, unida a Ele, se torne mãe fecunda de filhos resgatados pelo seu Sangue derramado para todos. A Igreja é a esposa do Redentor para gerar o povo dos redimidos, para gerar todos os homens para a nova vida dos filhos de Deus. A Igreja é amada por Cristo pelo amor da salvação do mundo, um amor que por Cristo foi expresso na Paixão, isto é, lá onde o sofrimento e o amor são expressos e continuam a se expressar em um grau infinito. Somente Deus pode amar infinitamente, mas Deus se encarnou para poder expressar seu infinito amor em um sofrimento infinito: o sofrimento de Deus na carne do homem.

O centro que unifica e irradia

A Igreja nasceu do lado aberto de Cristo, como Eva do lado aberto de Adão. Os pais da Igreja meditaram muito sobre esse mistério. E os primeiros cistercienses parecem ter extraído a *Carta Caritatis* precisamente da contemplação desse mistério que une a caridade, a Igreja e a salvação do mundo. A ênfase deste documento sobre a caridade e a salvação das almas está concentrada, assim, no desejo ardente (*cupientes*) de servir (*prodesse*) a todos os filhos da Santa Igreja. Esta é a definição da caridade de Cristo expressa na hora pascal, quando se oferece para a salvação do mundo, gerando da Cruz a Igreja, esposa do Salvador e mãe dos que foram salvos.

Nossos pais nos convidam, assim, a parar antes de tudo para contemplar o núcleo central do mistério cristão, para começar a viver nossa vocação como batizados e como monges, expressando em nossas vidas o mistério que contemplamos. Este mistério central e nascente é renovado todos os dias para nós na Eucaristia, isto é, no mistério pascal que nos é dado reviver no sacramento, no centro da nossa vida, do tempo quotidiano, de toda a história e de toda a realidade.

Ser conscientes de que nossa vocação e missão de cristãos e de monges e monjas se irradia sempre e somente deste mistério nos ajuda a não nos perdermos, não desperdiçarmos nossas vidas, nossos pensamentos, nossas palavras e ações, nossos esforços. Se há muitas vezes tanto trabalho nos mosteiros para gerir o tempo e as tarefas, a viver em harmonia e misericórdia as relações humanas, para gerenciar especialmente a fragilidade em que parecemos nos afundar, isso vem principalmente de uma falta de atenção para o mistério central da nossa e universal salvação. Se, em vez disso, o centro é claro e o preferimos, então tudo o que somos e vivemos poderá irradiá-lo.

Prodesse

A palavra que devemos enfatizar na *Carta Caritatis*, lá onde fala do desejo ardente de servir todos os filhos da Igreja – e os filhos da Igreja em si são todos os seres humanos, porque a Igreja é chamada para ser Mãe, que transmite a vida de Cristo para toda a humanidade –, a palavra que define a fecundidade de nossa vida e vocação é então o verbo latino *prodesse*, que literalmente significa "ser para", portanto, beneficiar, servir, ser útil, ser um bem para os outros.

O desejo ardente de ser útil a todos é o desejo que Deus deu especialmente à criatura humana, feita à sua imagem de Pai e Criador, e abençoada para ser fecunda no ato de gerar: "Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou: homem e mulher os criou. Deus os abençoou e Deus lhes disse: 'Sede fecundos e multiplicai-vos...'" (Gn 1,27-28)

Não somos verdadeiramente humanos se não queremos transmitir a vida, se não queremos beneficiar os outros mais do que nós mesmos. Em Cristo, somos dados a ser totalmente humanos, plenamente frutíferos através da maternidade universal da Igreja, tanto através do matrimônio como da virgindade. Essa fecundidade é sempre possível, porque é uma fecundidade da graça, provocada pelo mesmo Espírito Santo que, realizando o impossível, fecundou o ventre da Virgem Maria para dar à luz o Filho de Deus em nossa humanidade.

Como o grão de trigo

Na situação atual do mundo e da Igreja e de nossas comunidades, muitos duvidam que ainda seja possível uma fecundidade de nossa vida e vocação. Como é possível ser fecundos diminuindo, e às vezes até morrendo?

A Igreja vem constantemente nos lembrar que o que não é possível para nossas forças e capacidades é sempre possível para a fé e o amor que, esperançosamente, moldam a situação em que nos encontramos como uma semente na terra. O que torna fecunda até a morte é o amor com que lançamos nossas vidas no dom sponsal de Cristo à Igreja, para que ela possa gerar filhos de Deus no mundo inteiro.

Mas este não é apenas o segredo da fecundidade da morte: é acima de tudo o segredo da fecundidade da vida. Quem acredita ser fecundo sem morrer a si mesmo, permanece estéril, embora aos olhos do mundo inteiro pareça garantir o seu sucesso.

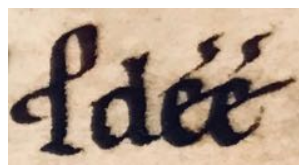
As palavras de Jesus sobre o grão de trigo, uma metáfora para sua morte e ressurreição, devem permanecer para nós a chave para a interpretação de tudo o que vivemos e acima de tudo o que somos chamados a viver: "Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, permanece sozinho; mas se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem odeia a sua vida neste mundo a guardará para a vida eterna. Se alguém quiser me servir, siga-me, e onde estou, também estará o meu servo. Se alguém me servir, o Pai o honrará." (Jo 12, 24-26)

Cister, na época da aprovação da *Carta Caritatis*, havia gerado doze mosteiros. Eles eram, portanto, em treze, como Jesus com os doze apóstolos. Eles sabiam que ainda eram pequenos e frágeis, mas sentiram uma força que os fez crescer, que os projetou para a frente. E, acima de tudo, estavam conscientes, à luz do Evangelho, de que seu sucesso não estava vinculado ao poder ou ao número, mas contido no desejo de dar a vida pelo Reino de Deus, atentos à advertência de São Bento ao abade, que deve preocupar-se mais em servir que presidir – "*prodesse magis quam praesesse*" (RB 64,8) –, o seu desejo não era vencer, conquistar espaços de poder, mas de ser úteis, à Igreja

e na Igreja, sacrificando a si mesmos, perdendo a vida a serviço de Cristo, pela vida do mundo. A vida do mundo é que todos os homens se tornam filhos de Deus.

A caligrafia do nosso carisma

Prodesse. Devemos reapropriarnos desta pequena palavra que sozinha pode tornar nossas vidas, nossas comunidades, qualquer que seja seu estado, e até toda a Igreja, com todos os seus tesouros da graça, mas também suas fragilidades humanas, belas, felizes e úteis.



No dia da bênção do novo abade de Stična, na Eslovénia, pudemos admirar aquele que é possivelmente o mais antigo manuscrito da *Carta Caritatis*, preservado hoje na Biblioteca do Nacional de Ljubljana.

O monge que o escreveu usou muitas abreviaturas, contraindo palavras, talvez para economizar espaço no precioso pergaminho. A palavra *prodesse* foi contraída em quatro letras. O "pro" é um "P" que tem a forma de um "X". Ele parece um homenzinho correndo para cumprir uma missão. Ou talvez pudesse simbolizar o próprio Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado. O "d" parece olhar para ele e seguir seu movimento empurrando com o pé os dois "e" que se seguem. Os "e" de "esse", que significar "ser", tem os dois "s" desenhados acima como dois acentos. Eles se parecem com duas pequenas chamas, como as do Espírito Santo sobre as cabeças dos apóstolos no Cenáculo de Pentecostes. Do último "e" parte de um traço, que se parece com uma flecha. Dá à palavra uma abertura dinâmica para a frente, como o lançar-se a correr em direção a uma meta. Este tracinho, no entanto, também está presente no primeiro "e" como um braço que se liga ao segundo, o qual, no entanto, não abraça o primeiro, mas, como disse, estende o braço para a frente, como se para abraçar e servir outras pessoas. Parece que o verbo "esse – ser" foi caligrafado para expressar a comunhão eclesial, quase para sugerir que não *somos*, não *existimos* sem viver uma comunhão fraterna enviada por Cristo ao mundo inteiro.

Em resumo, neste manuscrito medieval, a palavra *prodesse* parece-me um desenho do mistério da Igreja e, portanto, de toda comunidade cristã, como foi realizada desde o Cenáculo de Pentecostes: uma comunhão de pessoas geradas pelo Cristo Pascal e inclinando-se no desejo de gerar todos os homens para a vida divina.

O presente de Natal de uma pergunta

Desculpe pela fantasia da minha interpretação. Talvez eu confunda a caligrafia de um monge medieval com uma escrita em caracteres japoneses... Mas quem sabe se este monge de Stična, no tempo empregado para escrever esta pequena palavra com cuidado e amor, também não tinha esses pensamentos e não queria nos enviar, juntamente com as letras traçadas a tinta, o significado universal e salvífico que essa palavra ressonava nele.

De qualquer forma, acho que seria bom nos deixar desafiar hoje por essa palavra tão pequena e tão densa em significado. Seria bom comparar com essa palavra a vida e a experiência de nossas comunidades e de nossas pessoas, na situação em que se encontram hoje, no tempo de transição que a Igreja e a sociedade como um todo estão passando, talvez em meio ao drama de uma crise política e social como a em que vivem, para dar apenas um exemplo, nossas irmãs da Bolívia. Seria bom comparar o que vivemos com o frescor sempre novo do desejo de nossos pais de beneficiar a Igreja universal e o mundo inteiro.

Prodesse omnibus, ser úteis a todos: como julga esse desejo e essa vocação da maneira muitas vezes instintiva ou talvez autorreferencial em que julgamos nossos problemas, nossas crises e com a qual buscamos a solução? Estamos realmente motivados por este desejo de fazer o bem a todos, ou pensamos que a solução será o que beneficia apenas a nós mesmos? Temos a fé de que mesmo a pobreza, a fraqueza e até a morte, vividas em Cristo, podem ser benéficas para o mundo inteiro?

Aqui, eu gostaria de dar como um presente de Natal para a Ordem esta palavra, que por 900 anos não envelheceu em arquivos e bibliotecas, que também permaneceu fresca e ardente em um manuscrito do século 12, e oferece-la como uma pergunta que nos interrogue e nos estimule, talvez apenas para percebermos que, para ser úteis verdadeiramente a todos, precisamos de uma grande caridade que somente Deus pode nos comunicar e, portanto, devemos implorar juntos, com humildade e fé.

Quanto é belo, quanto é necessário e urgente, que todas as nossas comunidades, com todos os monges e monjas que as compõem, juntamente com todas as pessoas unidas ao nosso carisma, possamos voltar a formular com nossas vidas esta palavra, transmitida por nossos pais, *prodesse*, como neste manuscrito antigo de Stična, contraída e ainda toda tensa e dilatada, "como o esposo saindo da câmara nupcial" (Sl 18,6), isto é, como Jesus que nasce da Virgem para ajudar a todas as pessoas com o dom da sua presença, de seu amor, de sua salvação!



Ir. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist